

Módulo 1	MERCADO DE EMPREGO NA ÁFRICA SUBSAHARIANA: ESTRUTURA E PRINCIPAIS TENDÊNCIAS
-------------	--

✓ **Objectivo:**

- ✚ Proporcionar informação sobre o contexto macro económico, o mercado de emprego da África Subsahariana, sua evolução e principais tendências.

✓ **Conteúdo:**

- ↪ Resultados macro económicos, inserção da África Subsahariana no processo de globalização, evolução do investimento, agricultura.
- ↪ População, mão-de-obra e emprego, fluxos migratórios, principais tendências do mercado de emprego, caracterização dos principais grupos à procura de emprego, áreas mais promissoras em matéria de oferta de emprego.
- ↪ Evolução do problema da pobreza, igualdade entre os sexos no acesso ao mercado de emprego, situação das empresas do sector informal.

## 1. CONTEXTO MACRO ECONÓMICO

### 1.1. Introdução

#### ***Os resultados económicos dos países africanos melhoraram nos últimos anos***

Em 1995, 33 países registaram uma taxa de crescimento económico superior à de crescimento demográfico, tendo a taxa de crescimento geral atingido 3,7% contra 1,9% em 1994. Contudo, os resultados económicos permanecem ainda aquém dos níveis considerados desejáveis se se tiverem em conta as disparidades existentes entre os países e, dentro de cada um deles, na repartição desses níveis de crescimento, pelas diferentes camadas da população.

No decurso dos últimos anos, as taxas de crescimento ultrapassaram os 8% em três países (Lesotho, Maurícias e Uganda), oito países tiveram um crescimento entre 6 e 8% e 12 tiveram um crescimento entre 3 e 6%. O contexto é assim favorável para o aumento dos investimentos interno e externo, para a criação de mercados financeiros e para a expansão do espírito de empresa em África.

#### ***A competitividade de alguns países melhorou***

Para além do crescimento, alguns índices permitem considerar que um certo número de países africanos se tornou mais competitivo sobre os mercados internacionais. De acordo com o Banco Mundial, a procura de produtos africanos é real e a Europa importa mais produtos manufacturados do que os Estados Unidos e o Japão juntos, sendo as empresas europeias a principal fonte de investimento estrangeiro em muitos países africanos. A procura incide sobretudo no artesanato fabricado ao domicílio e nas produções de vestuário onde, em alguns segmentos, os dados provam que os produtores africanos dispõem de custos competitivos relativamente aos produtores asiáticos.

#### ***Uma inversão do processo de marginalização de África pode estar em curso***

A África Subsaariana (ASS) registou, no período de 1978-1987, um decréscimo do crescimento do seu PIB real por habitante de 0,7% ao ano, situação que perdurou até 1994. Este processo de marginalização da África Subsaariana, na economia mundial, tem diversas causas, entre as quais se destacam:

- i)* **A ausência de crescimento** resultante do declínio das taxas de poupança e de investimento, assim como da incapacidade de os estados africanos investirem no desenvolvimento humano (a partir de 1990, a grande maioria

dos países pior classificados no índice de desenvolvimento humano do PNUD são países da ASS);

- ii)* Os sectores económicos responsáveis até então pelo crescimento, a **agricultura e o sector público, atingiram um ponto de saturação** que não lhes permite mais ser o motor do crescimento. A África Subsaariana não foi capaz de apoiar a concorrência dos seus produtos nos mercados internacionais, face à ausência de diversificação das suas exportações para além das matérias-primas.
- iii)* A região passou por um período de **fuga de capitais** subsequente às restrições impostas pelas regulamentações nacionais nos domínios monetário e fiscal e à falta de incentivos ao investimento.
- iv)* Numerosos países africanos fizeram face a uma **crise das instituições** decorrente de numerosos conflitos e da instabilidade que favoreceram o desenvolvimento de um ambiente nacional hostil aos capitais internos ou estrangeiros.

**A marginalização crescente de África, dificultou a concretização dos seus objectivos de desenvolvimento. É neste contexto que a inversão do sentido de crescimento pode marcar um novo ponto de partida para o continente.**

### ***A situação do emprego permanece crítica***

O desenvolvimento do emprego produtivo não acompanhou o aumento da oferta de mão-de-obra: a África conhece um aumento rápido da sua mão-de-obra, atingindo 3% ao ano, ao qual se juntam o declínio ou a estagnação do emprego remunerado, a diminuição dos salários reais e uma deterioração das condições de trabalho e de vida. A maioria dos africanos trabalha fora do sector moderno e está envolvida em actividades económicas de baixa produtividade: o sector agrícola de subsistência e o sector informal urbano.

As taxas de desemprego e de subemprego progridem rapidamente: a taxa média de desemprego urbano quase duplicou nos últimos quinze anos para se situar em torno dos 20% e prevê-se que atinja cerca de 30% no ano 2000, a menos que se desenvolvam acções vigorosas para inverter a actual tendência. O desemprego dos jovens permanece crítico, a maioria dos alunos abandonam prematuramente os seus estudos e são incapazes de encontrar uma ocupação produtiva. Cada vez mais as mulheres estão sobre-representadas entre os desempregados e ocupam-se, frequentemente, em actividades marginais pouco remuneradoras.

### ***A população cresce rapidamente***

A dimensão do problema do emprego em África pode ser medida se se atender a que a população africana passará, daqui até ao ano 2010, de 567,5 milhões para 854,2 milhões, isto é, uma progressão anual de 2,8%. Contudo, o facto mais marcante será o crescimento da população economicamente activa que, de acordo com as previsões demográficas, será mais rápido do que o da população em geral. Entre 1997 e 2010, a taxa de crescimento média anual da população activa atingirá 2,94%, enquanto será de 1,9% na Ásia do Sueste e de 1,8% na América Latina. Como resultado, daqui até ao 2010, cerca de 8,7 milhões de indivíduos chegarão anualmente ao mercado de emprego em África e para os quais será necessário encontrar empregos.

### ***A pobreza acentua-se***

O problema da pobreza em África está intimamente ligado à falta de empregos produtivos adequados. A proporção da população vivendo numa situação de pobreza está a aumentar e deverá passar de 48% no início dos anos 90 para 50% no final da década. Em consequência, **a África constitui a região onde se prevê um maior crescimento da população vivendo abaixo do limiar de pobreza.**

## 1.2. Resultados macro económicos

### ***A estratégia de substituição de importações atingiu os seus limites***

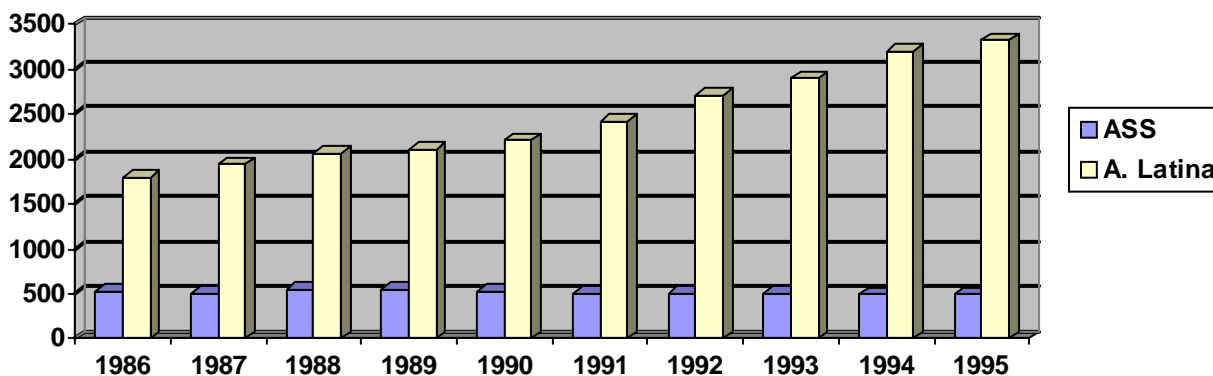
No decurso dos anos sessenta, no período imediatamente a seguir às independências, a África Subsaariana registou um crescimento encorajante, uma melhoria dos índices de desenvolvimento humano, uma alta dos rendimentos e do bem estar geral e um recuo da pobreza. Contudo, a estratégia de substituição de importações adoptada atingiu rapidamente os seus limites (nomeadamente nos países mais pequenos) e o rendimento por habitante estagnou no decurso dos anos 70, antes de entrar em declínio. No início da década de oitenta (por muitos considerada a *década perdida*), a maior parte dos países da África Subsaariana atravessava uma profunda crise económica, podendo-se considerar como pobres a grande maioria dos seus países, independentemente do critério de avaliação adoptado.

### ***Um crescimento negativo do PIB por habitante***

Assim, nos anos oitenta o crescimento era inferior ao verificado nos anos setenta e o declínio perdurou na primeira metade da década de 90. A reduzida taxa de

crescimento da produção, associada a elevadas taxas de crescimento demográfico, conduziram a um crescimento negativo e, na melhor das hipóteses, à estagnação, do PIB por habitante (ver figura 1). A queda do rendimento médio foi ainda mais brutal do que a da produção, pois a maioria dos países registaram uma degradação desfavorável dos termos de troca internacional. A comparação com a evolução verificada noutros continentes (por exemplo, a América Latina), torna ainda mais gritante a evolução ocorrida em África.

Figura 1. Evolução do PIB por habitante (em USD), da África Subsaariana e da América Latina



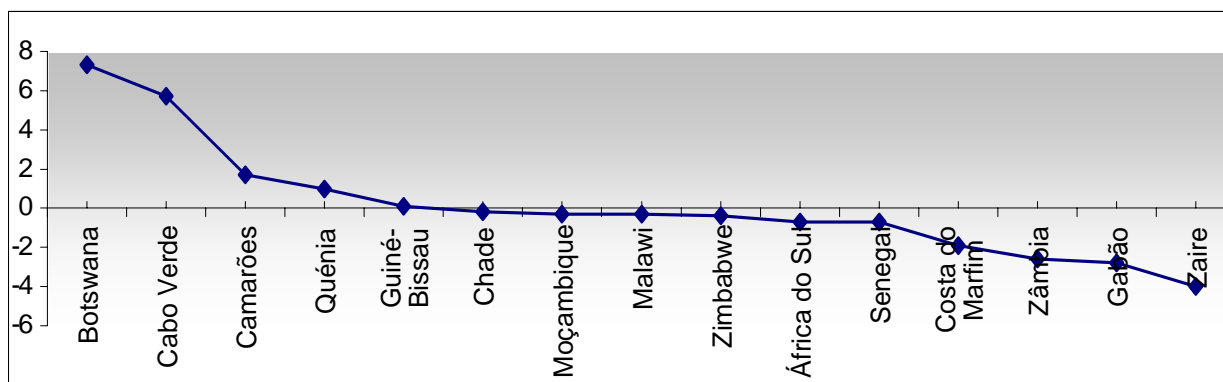
Fonte: OIT, *Des Emplois pour l'Afrique*, Genève, Novembro de 1994

O baixo nível de rendimentos médios no início da década de noventa permitiu que a pobreza progredisse e se enraizasse profundamente. Os rendimentos médios regionais escondem as profundas disparidades entre os vários países da ASS: para dezasseis países, o PIB por habitante era inferior a 1000 USD; para sete deles, ultrapassa os 2000 USD, o que significa que apenas 13 a 15% da população da África Subsaariana tem um rendimento superior a 2000 USD.

### ***Alguns países (como Cabo Verde) melhoraram os seus resultados***

A evolução das taxas de crescimento médio de alguns países da região (ver figura 2) permite confirmar as profundas desigualdades entre as suas evoluções ao longo das últimas três décadas: vinte países experimentaram taxas de crescimento médio por habitante negativas., entre os quais se destacam o Zaire, o Gabão, o Níger e a Zâmbia.

Figura 2. Taxa de crescimento médio: 1970 - 1995



Fonte: OIT, *Des Emplois pour l'Afrique*, Genève, Novembro de 1994

Em consequência, os resultados macro económicos na África Subsaariana foram, desde 1980, **negativos: a taxa de crescimento foi lenta, a produção por habitante diminuiu, o rendimento diminuiu, as desigualdades aumentaram na maior parte dos países e a proporção da população vivendo em situação de pobreza cresceu**. Contudo, os resultados não foram igualmente maus para todos os países, pois alguns registaram bons resultados, ainda que constituindo excepções num quadro geral traduzido por uma degradação dos principais indicadores macro económicos.

### 1.3. Inserção da ASS no processo de globalização

#### ***A ASS não tem aproveitado, em geral, as vantagens da globalização***

O declínio da ASS explica-se, em parte, pela marginalização constante da África Subsaariana na economia mundial. O processo de globalização em curso, se bem que possa abrir novas oportunidades para a economia da região, não se traduz, automaticamente, em melhores indicadores económicos. À partida, a posição da África Subsaariana é, como revela o quadro 1, pouco favorável, pois:

- a) a parte da ASS no PIB mundial permanecia, em 1993, inferior a 1,3%;
- b) no mesmo ano, a sua quota nas exportações mundiais só representava 1,7%;
- c) os produtos primários eram dominantes nas exportações e representavam 76% do total;
- d) a ASS não conseguiu atrair investimento estrangeiro, representando a sua quota no investimento líquido estrangeiro directo só 2,8% do total mundial;
- e) ao mesmo tempo, a ajuda pública ao desenvolvimento em África representava 11,5% do seu PIB global.

Quadro 1. Participação da ASS no comércio internacional e no fluxo de capitais (em %)

REGIÃO	% do PIB mundial 1993	% nas exportações mundiais 1993	% das exportações no PIB 1993	Crescimento anual das exportações		% de produtos primários nas exportações 1992	Parcela do invest. estrang. líquido directo 1992	Ajuda ao desenvolv. em % do PIB 1993
				65-80	80-93			
Mundo	100	100	21	6.5	5.0	25	-	-
<b>África SubS.</b>	<b>1.2</b>	<b>1.7</b>	<b>27</b>	<b>6.1</b>	<b>2.5</b>	<b>76</b>	<b>2.8</b>	<b>11.5</b>
Médio Oriente e África do Norte	2.1	2.8	32	5.7	-1.0	90	2.8	3.2
Sueste de Ásia e Pacífico	5.6	8.3	30	8.5	10.8	26	47.5	0.8
Ásia do Sul	1.4	0.9	13	1.8	7.3	27	1.3	1.5
América Latina e Caraíbas	6.1	3.6	14	-1.0	3.4	62	33.5	0.3
Economias de Rendimento Elev.	79.0	78.3	20	7.3	5.1	18	-	-

Fonte: Banco Mundial: *Regional Perspectives on World Development Report*, Washington D.C., 1995.

### ***Os países em desenvolvimento aumentaram a sua quota no comércio mundial***

A parcela das regiões em vias de desenvolvimento no comércio mundial dos produtos manufacturados passou de 5% em 1953 para cerca de 15% em 1990 e mais de 20% em 1994. A preços constantes, tal significa um acréscimo em volume de mais de 40% num período de cerca de 40 anos. No final dos anos oitenta, a taxa de crescimento dos produtos manufacturados dos países em desenvolvimento era duas vezes mais elevada, em volume, do que a das exportações dos produtos manufacturados dos países desenvolvidos.

Embora as estatísticas demonstrem um crescimento impressionante da parcela dos países em desenvolvimento no comércio mundial de produtos manufacturados, a maior parte dessa expansão resulta de oito países asiáticos (Coreia, Hong Kong, Taiwan, Singapura, China, Malásia, Tailândia e Indonésia), em que as exportações de produtos manufacturados – quase desprezáveis nos anos sessenta – representavam mais de 8% no início da década de oitenta e perto de 20% em 1995.

### ***Contudo, a parcela da ASS diminuiu***

A contribuição da África para este crescimento fenomenal dos resultados dos países em desenvolvimento em matéria de exportações de produtos

manufacturados é fraca: a sua parcela no comércio mundial de produtos manufacturados representa menos de 2%.

Alguns factores económicos, entre outros, ajudam a compreender a deficiente performance da economia da África Subsaariana: as reduzidas taxas de investimento, o limitado crescimento dos principais sectores como a agricultura, a ausência de desenvolvimento empresarial e a vaga de *informalização* da economia associada a uma subutilização da sua mão-de-obra.

## 1.4. Investimento

### *Investimentos: insuficientes e com fraca rentabilidade*

A taxa de investimento caiu fortemente de 23% do PIB em 1980 para 17% em 1994. O investimento interno bruto os países da ASS foi mais baixo do que noutras regiões em vias de desenvolvimento (ver quadro 2), constituindo um dos problemas mais sérios a fraca rentabilidade dos investimentos e a prevalência de “elefantes brancos”, isto é, projectos economicamente não viáveis.

O investimento do sector público é maioritariamente de capital intensivo, frequentemente mal repartido e criando menos emprego do que o desejável. Além disso, o investimento é fortemente concentrado nas capitais dos países, o que cria desigualdades entre as regiões e entre os sectores rural e urbano.

**Quadro 2. Investimento interno bruto (em % do PIB)**

Região	1980	1995	Varição (%) 80 - 95
Ásia do Sul	20.48	23.18	+ 13.2
África Subsaariana	23.17	19.45	- 15.7
Ásia Oriental e Pacífico	27.95	38.97	+ 39.4

Fonte: Banco Mundial: *World Development Indicators*, CD-ROM, Washington D.C., 1997.

As divisas disponíveis por habitante, provenientes das exportações, eram inferiores em 1994 relativamente aos níveis de 1980, na maioria dos países da ASS. Apenas nove países viram aumentar os seus rendimentos de exportação por habitante.

### ***Infra-estruturas deficientes***

A degradação das infra-estruturas sociais e produtivas, conjugada com a penúria de serviços essenciais tradicionalmente assegurados pelos governos, entrava gravemente a produtividade e a rentabilidade das actividades económicas. A natureza da infra-estrutura instalada e os mecanismos sobre os quais repousa determinam igualmente a eficácia do crescimento em matéria de redução da pobreza. Enquanto a África é um continente essencialmente rural e a maioria dos pobres vive nas zonas rurais, possui a mais elevada taxa de urbanização do mundo e os investimentos destinados à infra-estrutura têm importantes consequências quer no meio rural quer urbano.

O crescimento da produtividade agrícola e do emprego rural não agrícola está estreitamente ligado ao desenvolvimento das infra-estruturas; em África, a carência de infra-estruturas de base, associada às elevadas margens dos transportadores tornam difícil aos agricultores beneficiarem dos aumentos dos preços agrícolas resultantes da liberalização dos preços que acompanha o ajustamento estrutural. A infra-estrutura urbana tem uma incidência directa sobre a produtividade e o rendimento do trabalho das unidades do sector informal e, em consequência, sobre o emprego e os rendimentos que essas unidades são capazes de gerar.

### ***E limitadoras do crescimento***

Segundo o Relatório sobre o Desenvolvimento do Mundo de 1994 do Banco Mundial, a infra-estrutura determina em parte o sucesso ou o falhanço de um país em matéria de diversificação da produção, da expansão do comércio, da gestão do crescimento demográfico, da redução da pobreza ou da melhoria das condições de trabalho. Uma boa infra-estrutura induz um aumento da produtividade e uma redução dos custos de produção, mas deve processar-se rapidamente para gerar crescimento. Em numerosas cidades em que o crescimento é rápido, a expansão da infra-estrutura não acompanha o crescimento demográfico o que conduz a uma degradação do ambiente local e a custos elevados na produtividade das actividades económicas.

O mesmo relatório do Banco Mundial precisa que um aumento de um por cento da infra-estrutura conduz também a uma elevação de um por cento do produto interno bruto. Indicadores ilustram devidamente esta forte interacção entre infra-estrutura e crescimento económico: o desenvolvimento mais rápido da infra-estrutura deu-se na Ásia Oriental, enquanto o mais baixo se verificou na África Subsaariana.

## 1.5. Agricultura

### ***A agricultura ainda é o principal sector da maioria das economias da ASS***

Todas as estatísticas confirmam a importância da agricultura e do conjunto do sector rural no crescimento económico, na criação de empregos e na redução da pobreza: a agricultura representa mais de 50% em muitos países da ASS e assegura receitas em divisas que variam de 40 a 90%, na generalidade dos países. Em 1990, 67% da mão-de-obra dos países da África Subsaariana trabalhava na agricultura; contudo, a situação varia de país para país: cerca de 80% na África Ocidental (59% no Gana; 48% na Nigéria), 85% na África Oriental (86% na Etiópia, 84% na Tanzânia) e 70-75% na África Austral (87% no Malawi, 75% na Zâmbia e 85% em Moçambique). Globalmente, estima-se em 72% a população vivendo na dependência do sector agrícola.

Numerosos inquéritos sobre a mão-de-obra confirmam igualmente que a agricultura e as empresas conexas dominam as actividades rurais. Em 1988, estas últimas representavam 61,1% do total das empresas, enquanto 11% das famílias rurais possuíam empresas não agrícolas. Ao contrário das sociedades agrárias, as famílias da África rural acumulam diversas fontes de rendimento fora das actividades agrícolas, como o emprego remunerado, as actividades comerciais e outras actividades não agrícolas e as transferências de fundos do sector urbano para o meio rural.

### ***A maioria dos pobres da África Subsaariana está concentrada no meio rural***

Em muitos países africanos estima-se que a proporção de pobres vivendo no meio rural varia entre 60 e 90%; reconhece-se igualmente que as mulheres são responsáveis por quase 80% da produção alimentar na ASS e que as trabalhadoras estão sobre-representadas no seio da população pobre (60 a 70% do total). De acordo com estas considerações, todo o quadro de acção visando gerar empregos para lutar contra a pobreza deve concentrar-se no aumento substancial das possibilidades de empregos produtivos na agricultura e nas actividades rurais não agrícolas, nomeadamente as que visam os segmentos mais pobres da mão-de-obra rural e, em particular, as mulheres.

### ***A mão-de-obra rural na ASS experimenta o maior crescimento do mundo***

Paralelamente a um crescimento da mão-de-obra rural de cerca de 2,3% ao ano, desde 1980, a ASS registou um declínio constante da produtividade do trabalho na agricultura, o que assume uma particular importância dada a maior dependência da agricultura, em termos de meios de existência, verificada nas

economias rurais africanas. Em 1995, o défice alimentar em África atingiu 19,6 milhões de toneladas, agravada pelo facto de a queda da produtividade no conjunto dos países da África Subsaariana ter atingido 0,4% entre 1980 e 1990 e de este indicador se ter agravado no período de 1990 a 1994 (1,5%). Em conformidade, o valor acrescentado na ASS regrediu, enquanto todas as restantes regiões do planeta registaram um aumento notável do sector agrícola.



## Como aprofundar?...

---

**Título:** *Empregos para África*

**Autor:** OIT, Genebra

**Data de publicação:** 1997

**Língua:** Francesa

**Título:** *Relatório da 5ª Reunião Bienal de Planificadores de Emprego em África*

**Autor:** OIT, Abidjan

**Data de publicação:** 1997

**Língua:** Inglesa

**Título:** *Relatório sobre o Trabalho no Mundo 1997-98: Relações Industriais, Democracia e Estabilidade Social*

**Autor:** OIT, Genebra

**Data de publicação:** 1997

**Língua:** Inglesa

---

## 2. POPULAÇÃO, MÃO-DE-OBRA, EMPREGO E MIGRAÇÕES

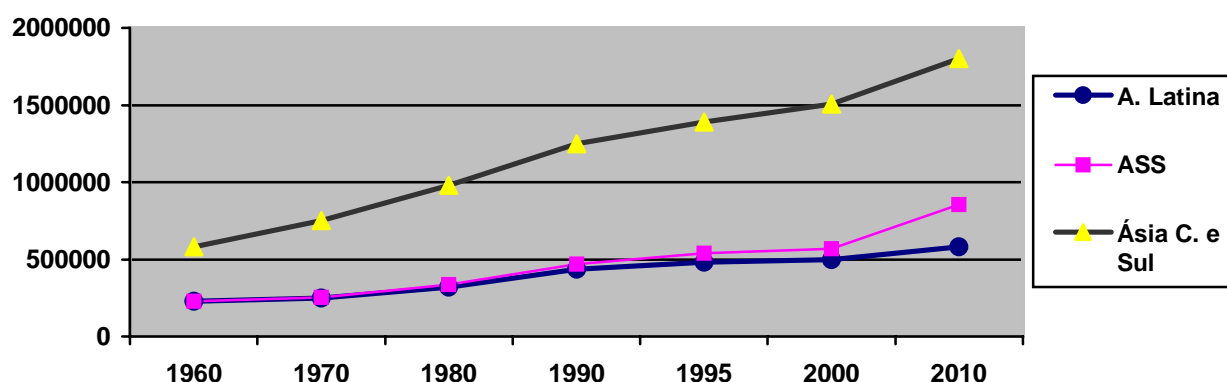
### 2.1. População

#### *Um crescimento rápido da população*

A taxa de crescimento da população da África Subsaariana é muito rápida pois as estimativas situam-na em torno de 3% ao ano e prevêem que no ano 2000 baixará para 2,7%. Assim, até ao final do século a população da ASS atingirá 653 milhões de habitantes e esses números deverão atingir 854 milhões no ano 2010.

A figura 3 apresenta as evoluções das taxas de crescimento da população e da mão-de-obra para as regiões da ASS, Ásia do Centro e Sul e América Latina e Caraíbas.

Figura 3. Estimativa de evolução da população total nas regiões seleccionadas



Fonte: Previsões da OIT

#### *E da mão-de-obra também*

O forte crescimento demográfico da ASS tem como consequência o aumento da mão-de-obra activa. A pressão demográfica é um factor determinante no estudo dos mercados de emprego da África Subsaariana.

Os valores nacionais referentes à actividade da mão-de-obra feminina e masculina revelam, supondo que as taxas se mantêm mais ou menos constantes, que a população total da África Subsaariana deverá dobrar todos os 23,5 anos, enquanto a mão-de-obra activa deveria dobrar todos os 25 anos. Contrariamente às restantes regiões do globo, não se prevêem, na ASS, significativas quedas nas taxas de crescimento populacional.

## 2.2. Mão-de-obra e emprego

### *A África Subsaariana representa cerca de 9% da mão-de-obra mundial*

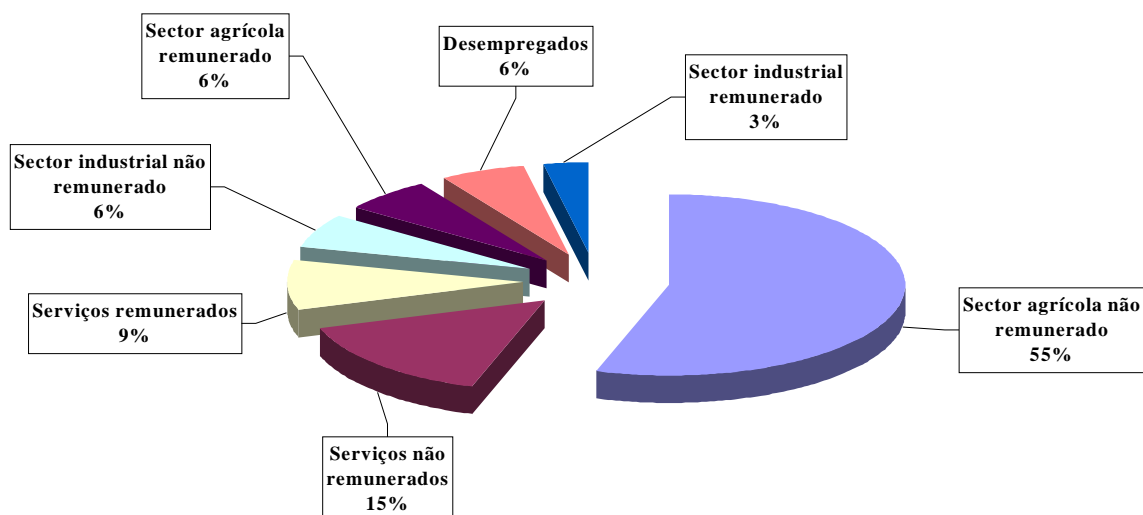
A Etiópia, a Nigéria, a África do Sul e o Zaire representam quase metade da mão-de-obra da ASS. Por outro lado, um terço dos africanos em idade de trabalhar não é considerado na mão-de-obra e, entre eles, uma parte importante são mulheres activamente envolvidas nas actividades familiares e cujo papel no seio da mão-de-obra é largamente subestimado; além disso, a OIT estima em 7 milhões o número de trabalhadores com idade superior a 65 anos e em 16 milhões as crianças com idade entre 10 e 14 anos que trabalham e que sem dúvida fazem parte da mão-de-obra. Por outro lado, as estatísticas oficiais estimam somente em 6% a percentagem de desempregados, número que está longe de se considerar aceitável face ao impressionante número de trabalhadores agrícolas não remunerados onde uma grande parte é constituída por desempregados ou subempregados.

### *A mão-de-obra ocupa-se maioritariamente em actividades não remuneradas*

O perfil da mão-de-obra na ASS (ver figura 4), segundo uma publicação recente do Banco Mundial<sup>1</sup>, é o seguinte:

- ☞ O emprego não remunerado representa perto de 76% do emprego total;
- ☞ O sector informal ocupa pelo menos 21% da mão-de-obra da ASS;

Figura 4. Repartição da mão-de-obra na África Subsaariana



**Nota:** Estes dados são uma projecção da OIT sobre uma amostra de 214 milhões de pessoas, com idades entre 15 e 64 anos, representativa dos países da região.

- ☞ As actividades agrícolas remuneradas e não remuneradas representam 61% da população;
- ☞ O emprego remunerado na indústria e serviços ocupa apenas um em cada dez trabalhadores africanos.

### ***A produtividade é, em geral, baixa***

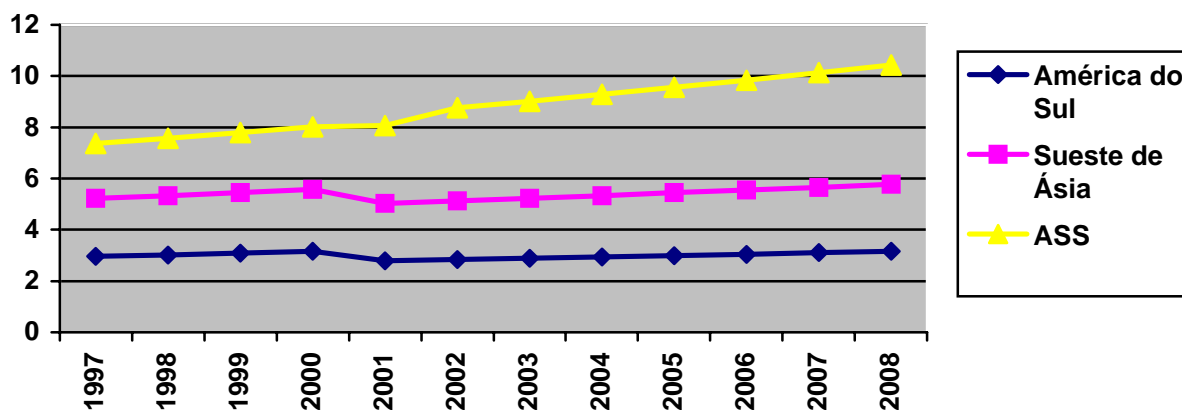
Não obstante os rendimentos dos trabalhadores urbanos serem consideravelmente superiores que os do sector rural, o sector agrícola absorve a maioria dos trabalhadores africanos. Tal facto explica, ainda que parcialmente, a persistente situação de pobreza em que vive, pelo menos, 40% da população da África Subsaariana.

Outro aspecto característico da mão-de-obra da ASS é a sua baixa produtividade. As estimativas referentes à produtividade do trabalho revelam resultados elevados para o Botswana, Lesotho, Maurícias e Seycheles; contudo, para a maior parte dos países, agrupando 75% da mão-de-obra total da região, observou-se uma baixa considerável da produtividade do trabalho, reflectida na evolução global do PIB por trabalhador: apenas 1,2% de 1965 a 1980 e variação anual negativa de 1% entre 1980 e 1993.

### ***Os novos candidatos a emprego aumentam constantemente***

A dimensão do desafio que o continente africano enfrenta em matéria de emprego é claramente visível através das estimativas sobre o número de pessoas que anualmente chegam ao mercado de trabalho. Em 1997, estima-se que as economias africanas deveriam, para manter constantes os níveis de desemprego e subemprego, fornecer empregos a 7,3 milhões de pessoas; dez anos mais tarde, esse número evoluirá para 10,1 milhões, ou seja, um crescimento de 28%. Na Sueste de Ásia os valores correspondentes são de 5,2 e 5,7 milhões (um crescimento de apenas %).

Figura 5. Novos candidatos ao mercado de emprego



Fonte: Projecções da OIT.

<sup>1</sup> Banco Mundial: Labour and Growth Crisis in Sub-Saharan Africa, Washington D.C., 1995

A procura de emprego é, em consequência, maioritariamente jovem. Estima-se que, em geral, a população jovem (com menos de 30 anos) representa cerca de 60% da população africana.

### 2.3. Fluxos migratórios

A migração de mão-de-obra constitui um dos aspectos mais marcantes da mundialização acelerada da economia, com fortes repercussões sobre a actividade económica e o mercado de emprego de mais de uma centena de países. Apesar dos discursos patrióticos daqueles que defendem orgulhosamente as suas fronteiras, estas são cada vez mais permeáveis às forças do mercado e cada vez mais atravessadas por bens, serviços e investimentos, assim como pelas pessoas. Esta mutação não se reporta apenas aos quantitativos e à extensão geográfica, mas ao próprio carácter das migrações.

#### ***A África Subsaariana não é excepção à intensa migração de mão-de-obra***

Todos os dias, centenas de milhares de pessoas (nómadas, sazonais ou fronteiriços) cruzam as fronteiras, sem respeitarem grandemente os controlos estabelecidos. Como a grande maioria dos movimentos transfronteiriços se fazem sem papéis, é praticamente impossível reunir estatísticas precisas sobre esses fluxos; as únicas estimativas disponíveis reportam-se aos efectivos imigrantes, conforme são indicados nos recenseamentos nacionais.

Contudo, a maior parte dos censos nacionais datam dos anos setenta, pelo que dão uma imagem geral, mas aquém da realidade, sobre as migrações na ASS. O quadro 3 fornece dados sobre alguns países, para cada uma das sub-regiões africanas.

#### ***Cerca de 40 milhões de africanos são trabalhadores migrantes***

A percentagem média de migrantes relativamente à população total dos países citados no quadro 3 referido é de 3,6%. Este valor, para a região no seu conjunto, representa um total extrapolado de 17 milhões de migrantes, o que constitui provavelmente uma subestimação, dado não se dispor de informação relativa a alguns grandes países de imigração. Estudos pontuais indicam que os recenseamentos deixam de fora, no mínimo, metade dos imigrantes sem papéis, o que poderá elevar o total referido para 35 milhões; se forem acrescentados os cerca de 5 milhões de refugiados, obter-se-á um total de 40 milhões de migrantes internacionais.

O quadro abaixo revela ainda que a percentagem de mulheres na população imigrada está próximo dos 50% na maior parte dos países analisados. Um pequeno inquérito realizado na Nigéria revela que 75% das migrantes acompanharam ou juntaram o seu marido. Contudo, a evolução das sociedades africanas e a melhoria do nível de instrução das mulheres aumenta a possibilidade de as mulheres partirem sós; é o que revela um outro inquérito realizado na Costa do Marfim, onde se detectou que as mulheres do Gana representavam três vezes mais do que os homens imigrantes deste país.

**Quadro 3. População de origem estrangeira em alguns países da ASS**

Sub-região / País	Data de referência	Número	% da população	Relação H/M
<b>África Ocidental:</b>				
Burkina Fasso	1975	110,681	2,0	0,91
Costa do Marfim	1975	1,437,319	22,0	1,46
Guiné-Bissau	1979	12,931	1,7	1,00
Senegal	1976	118,782	2,4	1,33
<b>África Central:</b>				
Angola	1983	15,230	0,2	-
Camarões	1976	218,069	3,1	1,23
Congo	1984	96,369	5,1	0,98
R. D. Congo (ex-Zaire)	1984	637,605	2,1	-
<b>África Oriental:</b>				
Madagáscar	1975	53,315	0,7	1,62
Malawi	1977	288,744	5,2	0,95
Tanzânia	1978	415,684	2,4	1,12
Zâmbia	1980	231,354	4,1	1,10
<b>África Austral:</b>				
África do Sul	1985	1,862,192	8,0	1,86
Moçambique	1980	39,142	0,3	1,02
Suazilândia	1976	468,074	5,3	0,90
Zimbabué	1983	528,440	7,0	1,32

Fonte: OIT, Peter Stalker: *Les Migrations dans le Monde*, Genève, 1994.

Se bem que a OIT pretenda efectuar trabalhos para melhorar a qualidade dos dados sobre a imigração no mundo, a melhor informação actualmente disponível é um mapa (figura 6), que oferece um panorama geral sobre as evoluções recentes e onde se podem observar os principais países de proveniência e de acolhimento na ASS. A migração para fora do continente continua a ser feita essencialmente para as antigas metrópoles coloniais.

### África Ocidental

É a região onde se encontra a maior concentração de imigrantes, como resultado destes sempre terem considerado a sub-região como uma única entidade económica, através da qual as mercadorias e as pessoas circulavam livremente. Tal facto foi oficialmente reconhecido em 1980, quando a Comunidade Económica dos Estados da África do Oeste (CEDEAO) assinou um protocolo sobre a livre circulação. Uma grande parte das deslocações é de natureza sazonal, migrando as pessoas das zonas do interior para os países costeiros; a mão-de-obra é, em geral, jovem, masculina e menos instruída do que a população dos países de acolhimento.

Figura 6. Principais países de proveniência e de acolhimento de migrantes na ASS



Fonte: OIT, Peter Stalker: *Les Migrations dans le Monde*, Genève, 1994.

A Costa do Marfim é o país da região que conta maior número de imigrantes. Em 1975, representavam 26% da população activa e quase metade provinha do Burkina Fasso (726,000), do Mali (349,000) e da Guiné Conakri (106,000). A existência, nos anos recentes, de maiores níveis de desemprego (nomeadamente entre a mão-de-obra qualificada) e a degradação da situação económica terão originado uma diminuição dos níveis de imigração. Outro importante país de imigração na África Ocidental é a Nigéria onde, apesar de não se disporem de dados oficiais, a expansão das actividades petrolíferas atraiu enormes efectivos dos países vizinhos. Em 1982, estimava-se que existissem cerca de 2,5 milhões de emigrantes; contudo, na sequência da crise económica, o governo expulsou cerca de 1,5 milhões e a Nigéria tornou-se, também ela, um grande exportador de mão-de-obra.

Os principais países de emigração na sub-região são o Burkina Fasso, o Mali e o Togo. Em 1975, estimava-se que viveria no estrangeiro cerca de 17% da população autóctone do Burkina Fasso.

### ***África Central***

Nesta sub-região, é na República Democrática do Congo (ex-Zaire) que se encontra o maior número de imigrantes (mais de 600,000, em 1984), como resultado das actividades mineiras e dos grandes investimentos realizados. Contudo, as perturbações políticas verificadas posteriormente terão feito diminuir aquele número. Em segundo lugar, surgem os Camarões, os quais atraem sobretudo imigrantes da Nigéria, do Chade e da República Centro Africana, para trabalharem nas plantações de palmeiras.

Os países produtores de petróleo, como o Congo, o Gabão e os Camarões são ainda um forte pólo de atracção de imigrantes. As migrações de angolanos para as plantações de cacau em S. Tomé e Príncipe foram drasticamente após as independências destes países.

### ***África Oriental***

Nos últimos anos, os movimentos populacionais nesta sub-região foram constituídos, essencialmente, por refugiados fugindo aos conflitos que afectaram alguns dos seus países. As plantações e as indústrias do Zimbabué assim como as minas de cobre na Zâmbia continuam a atrair mão-de-obra dos países limítrofes. O Sudão é também um grande exportador de mão-de-obra, estimando-se, em 1985, que cerca de 500,000 sudaneses (dos quais dois terços dos quadros e técnicos do país) trabalhassem no estrangeiro.

## **África Austral**

A África do Sul é o grande pólo de atracção, nomeadamente para os migrantes do Botswana, do Lesoto, do Malawi, de Moçambique e da Suazilândia. Em 1986, cerca de 380,000 estrangeiros (quase exclusivamente homens) trabalhavam nas minas (80%), na agricultura (3,6%), nas actividades domésticas (3,1%) e na indústria de produtos manufacturados (2,4). Existem ainda muitos trabalhadores sem papéis, nomeadamente na agricultura, como será o caso de cerca de 100,000 trabalhadores moçambicanos.

Contudo, as mudanças ocorridas na década de noventa na África do Sul terão acentuado a tendência, já anteriormente verificada, para a diminuição da mão-de-obra estrangeira. Em 1973, a proporção de trabalhadores estrangeiros entre os mineiros era de 80%, de 40% em 1990 e estima-se que poderá descer para 30% num futuro próximo.

Se o número de trabalhadores não qualificados está em baixa, as mudanças referidas induziram um incremento sério dos fluxos de trabalhadores altamente qualificados de outros países africanos; estes imigrantes chegam de todas as partes de África, mas, em 1993, pareciam provir sobretudo do Gana e do Uganda e do Zaire e Somália (em fuga da situação catastrófica em que os seus países se encontra). Trata-se de um fenómeno que alarma os países africanos que vêm partir os seus quadros, de que tanto carecem, em busca de melhores condições de retribuição.

## **2.4. Principais tendências do mercado de emprego**

### **2.4.1. A procura de emprego**

A procura de emprego na África Subsaariana varia de país para país, sendo contudo possível traçar algumas linhas comuns: uma forte pressão demográfica, o seu carácter essencialmente jovem e a limitada qualificação profissional e académica dos candidatos a emprego.

#### ***Entre os principais grupos à procura de emprego, destacam-se, pela sua prioridade de atendimento***

- ↪ Os **jovens**, marginalizados do sistema escolar por nunca nele terem entrado ou por o terem abandonado precocemente ou que, possuindo uma qualificação académica, não têm oportunidade de exercer uma actividade remuneradora;

- ↳ As **mulheres**, dada a sua posição na estrutura social e económica africana, com prioridade para aquelas que são chefes de família ou membros de famílias numerosas carenciadas;
- ↳ Os **cidadãos portadores de deficiência**, cada vez mais marginalizados do mercado de emprego e a quem são negadas quaisquer oportunidades de exercício de uma actividade remuneradora;
- ↳ Os **cidadãos em situação de pobreza absoluta**, cujas famílias, pela sua extensão e nível de rendimento, vêm recusadas as mínimas possibilidades de progresso económico e social (alimentação, habitação, acesso à educação, saúde, água potável, saneamento básico, etc.);
- ↳ Os **desempregados de longa duração**.

***A que se juntam, pelas conjunturas particulares de alguns países, grupos específicos como***

- ↳ **As vítimas de situações de conflito armado**, nomeadamente os militares desmobilizados, os deslocados de guerra e as populações regressadas de países limítrofes;
- ↳ **Os desempregados**, que perderam ou estão em vias de perder os seus empregos no sector formal como consequência do processo de ajustamento estrutural;
- ↳ **Os trabalhadores migrantes** obrigados a regressar aos seus países de origem, como resultado da evolução do mercado de emprego no anterior país de acolhimento.

#### **2.4.2. A oferta de emprego**

***As potencialidades, em termos de oferta de emprego, dependem de país para país, mas podem considerar-se como sectores potenciais de absorção***

NO MEIO RURAL:

- ↳ **A agricultura**, com destaque para as culturas de rendimento e, em particular, aquelas viradas para a exportação;

- ↳ **As actividades a montante e a jusante da agricultura**, nomeadamente a produção e a reparação de utensílios agrícolas, a conservação e a transformação de alimentos, etc. ;
- ↳ **As actividades de construção e reparação de infra-estruturas**, nomeadamente de estradas secundárias e terciárias, de activos sociais (escolas, postos de saúde, creches,...), de postos de abastecimento de água, saneamento básico, etc.
- ↳ **O comércio rural**, de aquisição de produtos agrícolas e seus derivados, de fornecimento de recursos para a agricultura e de produtos básicos para as populações.

#### NO SECTOR INFORMAL URBANO:

- ↳ **As actividades de manufactura**, como a produção de vestuário, de utensílios domésticos, de móveis, de produtos metálicos, etc. ;
- ↳ **As actividades de pequenas reparações** na construção civil (pedreiros, canalizadores, estucadores, carpinteiros, pintores, electricistas,...);
- ↳ **A prestação de pequenos serviços**, como a mecânica auto, bate chapas, reparação de rádios, reparação de bicicletas, reparação de pneus, barbeiros,... ;
- ↳ **A prestação de serviços domésticos e de vigilância;**
- ↳ **O comércio.**

#### NO SECTOR MODERNO:

- ↳ **Os serviços** ligados ao desenvolvimento das novas tecnologias (informática, telecomunicações, etc.);
- ↳ **As especialidades e qualificações ligadas aos novos investimentos produtivos**, variando com a natureza do investimento e o tipo de tecnologia utilizada;
- ↳ **A prestação de serviços de hotelaria e turismo.**



## Como aprofundar?...

---

**Título:** *Relatório sobre o Emprego no Mundo 1998-99*

**Autor:** OIT, Genebra

**Data de publicação:** 1998

**Língua:** Francesa

**Título:** *As migrações no Mundo*

**Autor:** OIT, Peter Stalker, Abidjan

**Data de publicação:** 1994

**Língua:** Francesa

**Título:** *Empregos para África*

**Autor:** OIT, Genebra

**Data de publicação:** Novembro de 1997

**Língua:** Inglesa

---

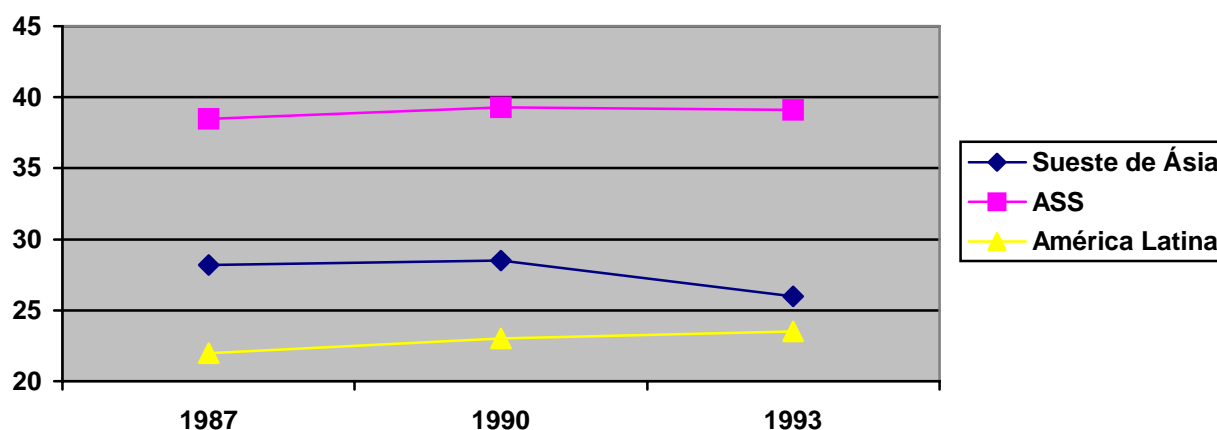
### 3. POBREZA, IGUALDADE ENTRE SEXOS E SECTOR INFORMAL

#### 3.1. A Pobreza

#### ***A ASS regista o maior aumento da população a viver em condições de extrema pobreza***

Esta tendência é confirmada pela evolução da população que (sobre)vive com menos do que um dólar por dia, comparativamente ao que sucede na América Latina e no Sueste de Ásia (ver figura 6). As tendências recentes da evolução do PIB por habitante indicam que o quadro actual poderá não evoluir favoravelmente, de uma forma duradoura, dadas as disparidades entre países e, no seio destes, entre os diferentes grupos de cidadãos.

Figura 7. Comparações regionais entre população vivendo com menos de 1\$ por dia (em %)



Fonte: Banco Mundial: *Taking Action to Reduce Poverty in sub-Saharan Africa*, Washington D.C., 1997.

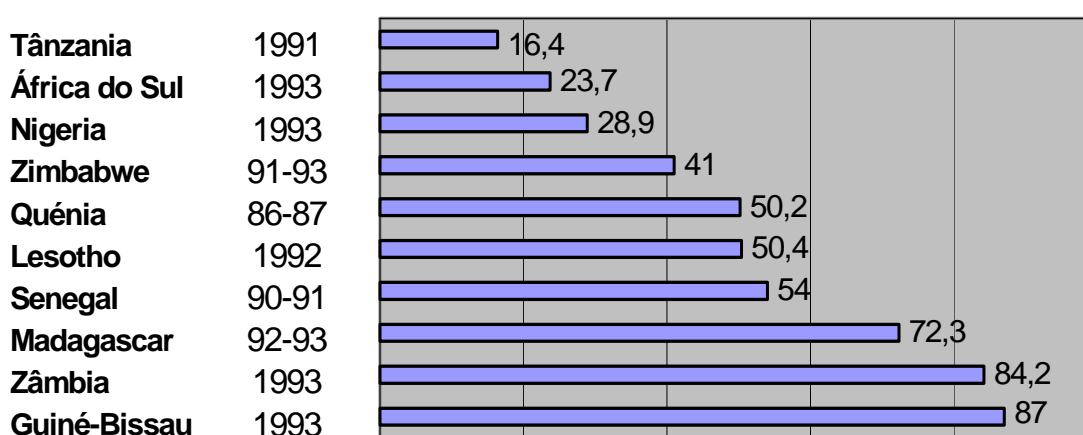
#### ***A distribuição da pobreza é extremamente desigual***

Os dados relativos a cada um dos países escondem as enormes disparidades existentes entre as diferentes camadas populacionais. A título de exemplo, no Níger 61,5% da população vive abaixo do limiar de pobreza, enquanto na África do Sul, apesar de apenas 23% se encontrar abaixo desse limiar, se verificam disparidades salariais semelhantes às existentes nos países menos igualitários da América Latina. O quadro 2 apresenta dados para 10 países africanos.

***Mas o seu nível, na maior parte dos países, é alarmante***

Apoiando-se sobre inquéritos às famílias conduzidos em 12 países, o relatório mencionado do Banco Mundial corrobora as disparidades alarmantes existentes entre as comunidades urbanas e rurais, assumindo os problemas nestas comunidades um carácter mais urgente dada a sua maior extensão e o facto de atingirem uma elevada percentagem da população rural e de as famílias rurais pobres terem muito menor acesso a serviços sociais do que as famílias urbanas pobres.

**Quadro 4. População vivendo com menos do que 1\$ por dia (%)**



Fonte: Banco Mundial: *Taking Action to Reduce Poverty in sub-Saharan Africa*, Washington D.C., 1997.

***Em síntese, é necessário reter três aspectos principais***

- I. O crescimento do número de pessoas vivendo, na África Subsaariana, em situação de pobreza absoluta;
- II. O aumento desse número no conjunto da região a partir de 1987 e a sua relativa estabilidade no decurso dos anos noventa;
- III. As diferenças consideráveis, de um país para outro, dos indicadores relativos à população que vive em condições de pobreza.

### 3.2. Igualdade entre os sexos

As taxas oficiais de participação das mulheres na mão-de-obra são inferiores às dos homens em todos os países da África Subsaariana. Para o conjunto da ASS

(excluindo a África do Sul), a taxa de participação das mulheres era, em 1990, de 30% e a dos homens de 51%<sup>2</sup>, admitindo-se, contudo, que as estatísticas oficiais subestimam fortemente as actividades exercidas pelas mulheres no quadro da produção de subsistência não destinada a venda, dado a produção se efectuar, sobretudo nas zonas rurais, maioritariamente no quadro familiar.

### *A proporção de mulheres em busca de rendimentos está em progressão*

No decurso das décadas passadas, as mulheres migraram cada vez mais para as zonas urbanas, se bem que a grande maioria continue a trabalhar no sector agrícola das zonas rurais. Em certos países, em particular, uma percentagem crescente de lares é dirigida – de facto ou de direito – por mulheres, ou está fortemente dependente do rendimento feminino para assegurar a sua sobrevivência.

**Quadro 5. Taxa de participação (total, mulheres e homens), como % da população de todas as idades que compõem a mão-de-obra**

País	Total		Mulheres		Homens	
	1980	1990	1980	1990	1980	1990
<i>Angola</i>	43	40	34	30	53	51
Botswana	35	34	25	23	46	45
Camarões	42	38	29	25	55	52
<i>Cabo Verde</i>	35	38	18	21	54	58
Chade	37	35	16	15	58	56
Congo	42	39	33	30	52	49
Costa do Marfim	43	39	31	28	55	51
Gambia	50	46	41	37	58	56
Gana	38	35	31	28	45	43
<i>Guiné-Bissau</i>	50	46	41	37	59	57
Quénia	42	39	35	31	49	48
Madagáscar	47	43	39	34	56	53
Malawi	45	43	39	35	53	51
<i>Moçambique</i>	57	53	56	50	58	56
Namíbia	32	30	15	14	48	46
São Tomé e Príncipe	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
Senegal	47	38	38	34	55	53
Zaire	40	30	30	27	51	49
Zimbabué	40	29	29	26	52	49
<b>África Subsaariana</b>	<b>43</b>	<b>40</b>	<b>34</b>	<b>30</b>	<b>53</b>	<b>51</b>

Fonte: OIT, *Des Emplois pour l'Afrique*, Genève, Novembro de 1997

<sup>2</sup> G. Mhone: *African Women Workers, Economic Reform, Globalization, AIDS and Civil Strike*, OIT, Genève, 1995.

### ***As mulheres estão fortemente representadas no sector informal***

No que se refere ao emprego formal remunerado, as estatísticas fiáveis são limitadas para a maior parte dos países e poucas discriminam, por género, o emprego oficial. Contudo, pode-se concluir que o sector de emprego formal da região está largamente reservado aos homens pelo que, dadas as reduzidas oportunidades de emprego remunerado, as mulheres se ocupam principalmente na pequena empresa e na agricultura.

Na maior parte das cidades e outras aglomerações urbanas, as mulheres encontram-se fortemente representadas no emprego independente do sector informal, constituindo o comércio a retalho a actividade feminina mais difundida. As mulheres encontram-se ainda bem representadas no artesanato, na transformação de alimentos, nos serviços e noutras indústrias de pequena escala.

A participação das mulheres no sector informal urbano tem-se reforçado como consequência directa da compressão de efectivos (masculinos) e do declínio substancial dos salários reais na economia formal, assim como do aumento da sua migração para as zonas urbanas. O emprego das mulheres nos sector informal urbano progrediu a uma taxa anual de 6% entre 1980 e 1985 e de 2% entre 1985 e 1990.

### ***Existe uma clara discriminação das mulheres em matéria de oportunidades***

Se bem que os dados relativos à pobreza das mulheres sejam reduzidos, é evidente que estas possuem menos oportunidades para escapar à pobreza do que os homens, como consequência das limitações do trabalho não remunerado, da procriação, das suas possibilidades mais limitadas no mercado de emprego, das suas carências de educação e de qualificações e do entrave de preconceitos sociais e culturais à sua participação no emprego.

Os obstáculos e as desigualdades estruturais que impedem as mulheres subsaarianas de participar plena e eficazmente na economia podem resumir-se da seguinte forma:

- ✚ As normas culturais e, por vezes, até a legislação em vigor limitam, em numerosas sociedades, o acesso das mulheres, mais do que os homens, à terra, ao crédito, aos factores de produção, à educação, à informação e aos cuidados de saúde.
- ✚ Existem preconceitos baseados no género quanto ao acesso aos serviços de base para a valorização dos recursos humanos, nomeadamente a educação, a formação e a saúde (em 1993, na África Subsaariana, a taxa de

alfabetização dos homens estimava-se em 64,7%, enquanto a das mulheres era de 45,4%).

- ✚ Existem ainda fortes desigualdades estruturais e institucionais entre homens e mulheres quanto ao acesso à terra, ao crédito, aos serviços de vulgarização técnica, à tecnologia, etc.
- ✚ A falta de tempo que caracteriza as mulheres resulta da multiplicidade e do antagonismo entre as suas responsabilidades em matéria de reprodução e de produção, as quais se desenvolvem com recurso a infra-estruturas, serviços sociais e meios de transporte frequentemente inadequados.
- ✚ É largamente admitido que as políticas macro económicas e as medidas de reajustamento estrutural conduzindo a uma realocação de recursos não são neutras em matéria de género. Esta tendência ensombra de diferentes formas a capacidade actual das mulheres para competirem no mercado de emprego e para acederem a empregos de melhor qualidade e melhor remunerados; a longo prazo, esta tendência terá um efeito negativo sobre a qualidade do desenvolvimento humano e sobre o agravamento das desigualdades no acesso aos serviços sociais essenciais.

 **VER: MÓDULO 2, CAPÍTULO 5**

### 3.3. As empresas do sector informal

#### ***O desenvolvimento do sector privado continua a enfrentar dificuldades***

Uma grande parte do mundo dos negócios em numerosos países africanos está ainda confrontada com graves obstáculos que entravam os esforços de modernização do sector privado, o progresso e a competitividade, tanto nos mercados internos como internacionais. Em primeiro lugar, surge a carência de infra-estruturas comerciais e de serviços de apoio bem desenvolvidas e em bom estado, incluindo mercados financeiros bem integrados no sistema internacional. A ausência de infra-estruturas de qualidade, de apoio institucional adequado e de serviços públicos é responsável pela existência de custos de transação elevados e cria um ambiente comercial pouco estimulador da criação e expansão das empresas.

### ***O ajustamento estrutural permitiu, por vezes, uma melhoria de certos aspectos do ambiente comercial africano***

Hoje, reconhece-se claramente a importância do sector privado no desenvolvimento económico da região; um bom exemplo foi a criação, em 1990, sob os auspícios do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), de uma Mesa Redonda sobre as empresas africanas, no quadro de princípios segundo os quais:

- ☞ ***O sucesso do desenvolvimento sustentável em África passa pela existência de mercados livres e competitivos e pela prosperidade do sector privado***
- ☞ ***O desenvolvimento de um sector privado dinâmico constitui o único meio através do qual a África pode reforçar a sua competitividade sobre os mercados mundiais.***

Para materializar o seu apoio ao desenvolvimento do sector privado, o BAD criou, no seio do próprio banco, uma unidade cuja função é potencializar o papel da empresa privada no desenvolvimento de África.

### ***O espírito empresarial desenvolve-se***

Em toda a região (Gana, Quênia, Uganda, Botswana, Costa do Marfim, Moçambique, Malawi, entre outros) pode-se observar o desenvolvimento de um espírito de empresariado local virado para a criação de empresas modernas legalizadas e absorventes de mão-de-obra, capazes de responder e de se adaptarem aos desafios e às possibilidades impostas pela reforma económica e a mundialização. Algumas destas empresas tiveram a sua origem no sector informal e transformaram-se em empresas modernas, por vezes sem ajuda externa.

### ***As micro empresas são uma alternativa ao desemprego***

Tais como outras actividades do sector informal, permitiram possibilidades de empregos alternativos tanto àqueles que chegam de novo ao mercado de emprego como aos que perderam o seu trabalho no sector formal. Contudo, os níveis de produtividade e os rendimentos deste sector são frequentemente muito baixos. O ambiente competitivo do sector informal pode ser um *nicho* para os empresários, mas não pode fornecer a infra-estrutura e os serviços de apoio de que as micro empresas necessitam para melhorar a sua expansão e o seu crescimento e elevar o seu nível de produtividade.

As micro empresas dispõem de acesso limitado ou não dispõem mesmo de crédito institucional que lhes poderia permitir adaptarem-se mais eficazmente às possibilidades comerciais criadas pelas forças de mercado.

 VER: **MÓDULO 3, CAPÍTULO 4**

***A emergência do sector informal urbano é talvez a única mudança estrutural verdadeiramente importante ocorrida na maioria dos países da África Subsaariana no decurso do último quarto de século***

Os programas de ajustamento estrutural, que provocaram uma contracção do sector público, apenas amplificaram essa transferência de emprego do sector formal para o sector informal. A capacidade do sector informal para fazer face à adversidade económica, a sua capacidade de adaptação às forças de mercado e a facilidade para entrar e sair do sector, atraem numerosos empresários de todas as categorias sociais, incluindo as mulheres, os pobres e os grupos minoritários. Esta tendência acelerou-se depois do final da década de oitenta, após as contracções de efectivos no sector formal e os cortes orçamentais verificados no sector público como resultado dos programas de ajustamento estrutural. Estima-se que o sector informal represente actualmente mais de 50% da mão-de-obra e perto de 20% do PIB em numerosos países africanos.



## Como aprofundar?...

---

**Título:** *Empregos para África*

**Autor:** OIT, Genebra

**Data de publicação:** Novembro de 1997

**Língua:** Inglesa

**Título:** *Análise do Emprego e da Pobreza*

**Autor:** OIT, Arjan de Haan e Julie Koch Laier, Genebra

**Data de publicação:** 1997

**Língua:** Inglesa

**Título:** *Igualdade no Emprego e na Profissão*

**Autor:** OIT, Genebra

**Data de publicação:** 1996

**Língua:** Francesa

**Título:** *Promoção de Emprego das Mulheres*

**Autor:** OIT, Abidjan

**Data de publicação:** 1997

**Língua:** Inglesa

---